

RESENHA

Mesa Protagonismo

Lorranne Gomes da Silva¹

A mesa intitulada Protagonismo, ocorreu no dia 20 de abril de 2023 às 19:00hs de forma remota (<https://www.youtube.com/watch?v=AJTwpYlzPFU&t=473s>), na Semana dos Povos Indígenas cujo tema central foi: Povos originários: alteridade, violências e protagonismo. Evento organizado pela Universidade Católica de Goiás (PUC) e parceiros diversos.

Iniciou com a apresentação das moderadoras professora Dra. Lorranne Gomes da Silva da Universidade Estadual de Goiás, câmpus Cora Coralina, cidade de Goiás e Ms. Eunice Pirkodi Caetano Moraes Tapuia, professora indígena do Colégio Estadual Indígena Cacique José Borges na Terra Indígena do povo Tapuia em Rubiataba/Nova América (GO).

Em seguida, a fala inicial foi da Cacica Kawany Tupinambá de Uberlândia, representando os povos indígenas do Triângulo Mineiro (alto Paranaíba), além de liderança do seu povo é fundadora do Oca, Centro Cultural Indígena Cacica Kauá Poty Guarani que acolhe vários povos, é fundadora também da cozinha comunitária do bairro onde mora. Ela ressaltou que, sempre é tempo de luta, pois somos povos diminutos, e os que vivem em contexto urbano são mais abandonados pelo estado e pelas políticas públicas. Há um preconceito histórico de dizer que indígenas que vivem nas cidades não são indígenas, mas, digo lugar de indígena é onde ele quiser, e para onde ele for precisa ter seus direitos garantidos. Os não indígenas não devem criticar nem dizer nada sem conhecer nossa realidade, nosso conhecimento é tradicional em qualquer lugar.

A segunda fala foi do professor Antônio Carlos Benite, doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás, do povo Kaiowa e Guarani, estado do Mato Grosso do Sul. Ele considerou que temos uma história sobre a retomada do território bem complexa. Em 2023, estamos entrando na cena em todos os espaços no Brasil. Os não indígenas estão cada vez mais enxergando os indígenas e respeitando. Os espaços da

¹ Doutorado em Geografia, Professora do PPGEO-UEG, Cidade de Goiás/GO. E-mail: lorrannegomes@gmail.com. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3130563394184110>.

universidade são muito importantes para os povos indígenas, para saber falar melhor e escrever português, temos que aprender para nos defender. Ainda somos poucos fazendo ensino superior, sonho um dia que isso mude. Mas, o protagonismo indígena está dentro dos nossos movimentos de lutas que são históricos desde a invasão do Brasil. Nossa corpo fala através da nossa cultura, da pintura, das danças, dos costumes, mas, nosso povo ainda morre nos conflitos por terra. Apesar dos avanços, temos etnocídio, isso tem que acabar.

A terceira fala foi do vice cacique e professor indígena Wellington Vieira Brandão Tapuia, do Colégio Estadual Indígena Cacique José Borges na Terra Indígena do povo Tapuia em Rubiataba (GO). Ele é também presidente do Fórum de Educação Escolar Indígena do estado de Goiás. Destacou que meu povo foi quase dizimado, por causa de posseiros e fazendeiros. Foi a luta e a resistência que garantiu nossa sobrevivência. Temos na aldeia acesso a saúde indígena (SESAI), o CIMI que é parceiro, as Universidades do estado (PUC, UFG, UEG), temos a FUNAI e a nossa maior conquista é ter nossa escola indígena, nela buscamos fortalecer nossa cultura, língua, identidade e conhecimento tradicional. Somos protagonistas de nossa educação. Eu sofri muito estudando em escolas dos brancos, pois assumir a identidade indígena fora de nossos espaços é muito difícil, sofri muito preconceito. Temos que seguir lutando por que nós queremos.

Eunice Tapuia fez considerações sobre os desafios para as mulheres indígenas conquistar qualquer tipo de protagonismo. Apesar de ter representações femininas na política, ainda é pouco. Temos que avançar sempre, para que os jovens tenham cada vez mais direito de espaços e de participação onde desejarem. Estar na aldeia e ser protagonista em espaços não indígenas é bem mais difícil, ter acesso à internet; a distância entre a aldeia e os lugares; são alguns exemplos. E tudo que temos é fruto de muitas lutas, tanto dos que vivem em aldeias como quem vivem nas cidades (qualquer território que meu pé pisar e meu espírito repousar é lugar indígena). O nosso sentimento coletivo, como enxergamos nós e o que está em nossa volta, está na nossa identidade indígena e ninguém tem o direito de contestar isso. Sobre as parcerias que a cacica Kawany levantou, ressalto que o povo indígena Tapuia tem poucos parceiros, geralmente as pessoas procuram ainda um indígena exótico, que esteja em território de floresta, e nós estamos em território de Cerrado, nós não temos a aparência que as pessoas querem, não falamos a língua que as pessoas querem ouvir, nós somos indígenas porque temos um processo sócio-histórico diferente e por causa disso, mesmo pesquisadores

do nosso estado procuram pesquisar indígenas de outros estados, não valorizando os indígenas de Goiás. Mas, os parceiros que temos são de verdade.

A professora Lorranne lembrou da dívida histórica que temos para com os povos indígenas do Brasil. Pouco se avançou, pois, se no passado o rei permitia a invasão das Terras Indígenas, no século XXI é o estado que atesta megaprojetos de mineração, madeireiros, agronegócio, em suas terras, deixando a vida e a cultura desses povos ameaçadas.

Em seguida o professor Moisés da PUC fez comentários gerais sobre o evento, e depois a professora Eunice fez o encerramento.